Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"

15.05.2020

Data:

Pub: JORNAL DE **NEGOCIOS** 



QuickCom

Tipo: Jornal Nacional Diário

Pág: 1;2;8;9;10;11



Secção: Nacional

Data:

15.05.2020

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"







Secção: Nacional Pág: 1;2;8;9;10;11 Tipo: Jornal Nacional Diário



**Data:** 15.05.2020

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"





QuickCom

Tipo: Jornal Nacional Diário

**Pág:** 1;2;8;9;10;11

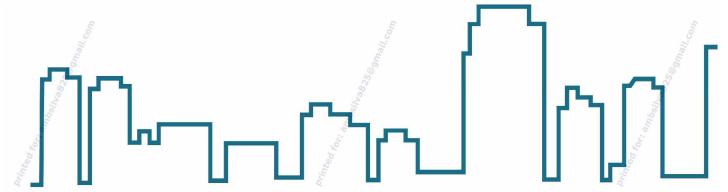
## Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"

**FILIPA LINO** 

flino@negocios.pt

Secção: Nacional

Os momentos históricos mais marcantes são pontos de viragem geracional. Já é consensual entre os académicos que a pandemia vai provocar uma mudança na sociedade. Assim sendo, de que forma essa transformação vai moldar a geração que está a nascer agora, em plena pandemia, já apelidada de "coronnials"?



Vicente tem duas semanas de vida. Nasceu num país em estado de calamidade. É o segundo filho de um casal de jovens empresários de Setúbal que, nos últimos dois meses, viu a sua vida dar uma volta de 180º por causa da covid-19. Marta, de 36 anos, tem um gabinete de estética e Ricardo, com a mesma idade, é sócio de um restaurante. Ambos os negócios estiveram de portas fechadas. Além do impacto financeiro que estes pais sofreram, a pandemia também os privou de viverem o nascimento do filho como aconteceu com o primogénito, Santiago, que tem dois anos. Desta vez, Ricardo não pôde assistir ao parto por razões de segurança. Vicente nasceu num mundo muito diferente, onde o colo, os abraços e os beijos estão guardados só para os familiares muito próximos.

Estes bebés que estão a nascer na era covid-19 já têm um nome – chamam-se "coronnials", um neologismo que surgiu durante a quarentena, numa alusão ao novo coronavírus que está no centro da atual cri-

.ea: 3064cm<sup>2</sup>/ 54%

:OTO **Tiragem:** 16.981

Cores: 4 Cores FOT(

**ID:** 6840046

Titulo:

Data:

Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"



15.05.2020





Pág: 1;2;8;9;10;11

Tipo: Jornal Nacional Diário

se sanitária. Sempre que há momentos marcantes na História, a geração seguinte é moldada por uma série de fatores. Desta vez, o ponto de viragem é um vírus que está a mudar a forma como vivemos, pensamos e nos relacionamos. E que parou a economia mundial. Assim sendo, que impacto terá essa mudança nestas crianças?

Secção: Nacional

"Desde que inventaram os 'millennials' que, quase de cinco em cinco anos, surge uma designação para uma suposta nova geração", refere ao Negócios Vítor Sérgio Ferreira, especialista em sociologia da juventude. Para o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, designações como esta são produzidas por agências de comunicação e marketing, que "tentam demarcar um traço de mudança social numa determinada conjuntura". Normalmente, estão ligadas a letras do alfabeto, como Y [também chamada geração do milénio, composta por pessoas nascidas após o início da década de 1980 até 1995] ou Z [nascidos entre meados dos anos 1990 e 2010], que estão muito associadas à população jovem e pretendem "criar segmentos de mercado com uma identidade, para esses jovens consumirem determinado tipo de 'gadgets'", explica.

Antes dos "millennials", a palavra "geração" estava muito ligada "aos gostos de uma determinada época, a um período da vida conotado com a juventude". No caso dos chamados "coronnials", "não sabemos nada". Nesse sentido, "é muito arriscado fazer previsões sobre como será esta geração, porque há imensas variáveis e condicionantes".

Vítor Sérgio Ferreira admite que a pandemia pode ser "um ponto de viragem simbólico para uma mudança geracional". 'Simbólico", sublinha, porque "o mundo não muda de um dia para o outro sem haver também a manutenção de algum 'status quo". No fundo, "esta situação veio acentuar algumas condições criadas pela crise financeira e económica que tivemos". Afinal, "já tínhamos sido atingidos por medidas de austeridade fortes. Mesmo num cenário de melhoria das condições nos últimos anos, houve traços que se mantiveram, em termos de legislação do trabalho, precariedade e insegurança". E essa é uma questão determinante, porque "as crianças vão crescer com estas condições".

Muitas coisas que podem condicionar esta geração vão depender do tempo de duração da pandemia. "Não é em dois meses que vai haver uma mudança social significativa, que altere radicalmente comportamentos." Agora, "se estivermos cinco anos a praticar distanciamento social, aí sim, haverá tempo para criar novos hábitos nas nossas rotinas". Nesse caso, as crianças vão crescer numa outra realidade. O seu normal será o que para nós ainda é estranho, tal como o uso de máscaras e o distanciamento social.

Também o pedopsiquiatra Pedro Strecht refere que ainda é cedo para definir uma geração com base na pandemia. Mas já é certo que "este tempo ficará gravado para sempre numa certa memória individual e coletiva", afirma o clínico, prestes a publicar um livro, no qual faz uma análise psicossocial da pandemia. Chama-se "Covid-19: Lição de esperança no futuro" e o prefácio é do filósofo José Gil. A forma como estes bebés vão

15.05.2020 Data:

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"

Pub: negocios





Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional Pág: 1;2;8;9;10;11



Será necessário "trazer para dentro da sala de aula novas formas de trabalhar", com "um reforço da utilização de tecnologias", mas sem exageros, defende o ex--ministro da Educação, Eduardo Marçal Grilo porque "um professor a dar uma aula é algo insubstituível".

Pela primeira vez, temos máquinas que nos podem ajudar a resolver problemas e precisamos de aprender a trabalhar com elas. "Além de um cão e de um gato, os miúdos têm de ter em casa um robô, para começarem a treinar", afirma António Câmara, fundador da **YDreams.** 

Titulo: Pub:

negocios

15.05.2020

Data:

Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"



Tipo: Jornal Nacional Diário



Pág: 1;2;8;9;10;11

pensar, comportar-se e relacionar-se com os outros vai depender "da atitude futura dos pais para com eles", salienta.

Secção: Nacional

No entanto, se há algo que caracteriza a nossa espécie e que, mesmo mudando na sua forma expressiva, não deixará nunca de existir "é a riqueza da gama de emoções e sentimentos que nos modula e nos torna seres altamente sociais". De facto, acrescenta o pedopsiquiatra, "mesmo numa perspetiva mais lata, quase que filosófica, o Homem só se conhece na sua (quase) plenitude através do outro".

Écerto que agora existe um clima de medo - receamos ser contagiados pelo vírus –, que não sabemos se se irá prolongar no tempo. Se este ambiente se mantiver, estas crianças vão sentir que há sempre uma ameaça no ar?

Pedro Strecht responde que "os medos sempre existiram e fazem parte, não apenas do desenvolvimento infantil, como também de muitas facetas da nossa vida". De facto, são estes sentimentos que "nos organizam e protegem de diversas ameaças externas". Nesta altura, importa evitar a etapa seguinte: "Uma certa sensação de pânico, ligada à ideia de que, verdadeiramente, não conseguimos controlar nem evitar, muito menos, prever, tudo o que acontece em nosso redor."

Por causa do medo, há o risco de as crianças serem privadas de experiências importantes para o seu desenvolvimento, como visitar museus, viajar, ter aulas de natação ou ir à praia. Pedro Strecht espera que os avanços científicos na luta contra a covid-19 – seja uma vacina, medicação retroviral ou outra terapia – permitam que esse olhar das crianças sobre o mundo se mantenha. "Já basta o que acontecia na fase pré-pandémica, em que os jovens faziam do seu quarto o lugar quase exclusivo de estar em contacto com os outros."

## A ESCOLA TEM DE MUDAR?

Neste novo mundo, a escola continuará a ter um papel importante na vida das crianças. Mas, talvez, de uma outra forma. O ensino "já deveria ter mudado há muito tempo, numa fase pré-pandémica", afirma Pedro Strecht. O modelo educativo português "continua a ser algo fundado no século XIX, com professores do século XX a transmitir informação e a pedir pouco mais do que memorização e reprodução de conceitos a crianças e adolescentes do século XXI". Uma opinião não totalmente partilhada pelo antigo ministro da Educação Eduardo Marçal Grilo, para quem pode haver aspetos que vão ser diferentes, mas "os fundamentos da educação mantêm-se rigorosamente os mesmos".

Uma das questões que a experiência do ensino à distância veio reforçar foi "a importância das aulas presenciais", defende o ex-governante. "Desde Platão, que o ensino, a passagem de conhecimento e esta espécie de diálogo intergeracional é absolutamente essencial", defende. Mas será necessário "trazer para dentro da sala de aula novas formas de trabalhar", eventualmente com "um reforço da utilização de determinadas tecnologias", sem exageros, sublinha. "Um professor a dar uma aula é algo insubstituível."

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"



Data:

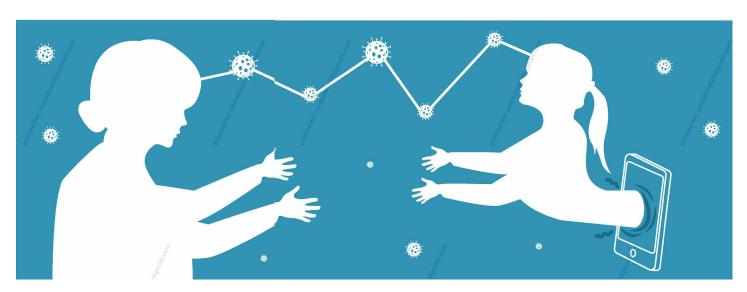
Pub: negocios

15.05.2020



Secção: Nacional Pág: 1;2;8;9;10;11





Para o sociólogo Vítor Sérgio Ferreira, a crise sanitária obrigou os professores a "aprenderem rapidamente a manipular determinado tipo de equipamentos tecnológicos com os quais não estavam muito familiarizados" em meio escolar. Esta experiência "veio radicalizar o modo de a escola se relacionar com o mundo digital".

O académico e empreendedor António Câmara dedica-se, há muitos anos, a pensar o futuro e as novas tecnologias. Não tem dúvidas de que a escola terá de apelar mais à criatividade, porque é isso que vai fazer a diferença quando estas crianças crescerem e chegarem ao mercado de trabalho, que será certamente mais automatizado. "Durante anos e anos, as pessoas tiveram sempre alguém acima a dizer-lhes exatamente o que tinham de fazer. Esse modelo já estava ameaçado, porque quem só faz aquilo que lhe mandam é facilmente substituído por um robô", afirma o empreendedor, Prémio Pessoa 2006.

A escola tem um papel fundamental para estimular a imaginação e a criatividade desde cedo, defende António Câmara. "Está na altura de voltarmos a ser humanos, de nos reinventarmos." A ideia não é a de que esta geração olhe para os robôs como inimigos. Pelo contrário. "Pela primeira vez na vida, temos máquinas que nos podem ajudar muito para além dos trabalhos mecânicos do passado. Podem ajudar-nos a resolver problemas. E temos de aprender a trabalhar com elas", afirma o fundador da YDreams. Por isso, diz entre risos, "além de um cão e de um gato, os miúdos têm de ter em casa um robô, para começarem a treinar".

Uma tendência que deverá manter-se depois da pandemia é o teletrabalho. Isso "muda o papel dos pais dentro de casa, na família, favorecendo uma maior proximidade com os filhos", afirma Marçal Grilo. De facto, esta mudança no mercado de trabalho responde a uma velha questão: "Como compatibilizar o trabalho com o lazer e o tempo dedicado à família?" Será que as criancas vão beneficiar com a situação? "Acho difícil", aponta Pedro Stecht. "Os pais que estão em teletrabalho 15.05.2020

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"



Data:





Tipo: Jornal Nacional Diário

negocios

Secção: Nacional Pág: 1;2;8;9;10;11

não conseguem, naturalmente, estar disponíveis para os filhos ou para serem auxiliares de professores por internet ou telescola." Na verdade, "a diferenciação de espaços ainda é importante para todos, até num conceito de saúde, enquanto bem--estar psíquico e social, e não apenas físico".

## UMA VISÃO DO FUTURO

Pensar como vai ser o mundo das crianças quando crescerem é um exercício de futurologia. Mas existem pistas que estão a ser analisadas. Um estudo da consultora Accenture, intitulado "Covid-19: 5 novas verdades humanas que as experiências precisam de abordar", faz algumas recomendações às organizações em termos de tendências. "A covid-19 mudou para sempre a experiência de ser cliente, funcionário, cidadão, humano", lê-se na introdução do relatório. Segundo a Accenture, há cinco grandes mudanças no comportamento das pessoas que "provavelmente moldarão uma nova experiência humana". São elas: uma valorização extrema da confiança, em pessoas, instituições ou produtos; a utilização ao máximo do digital em tudo o que for possível; um foco na saúde como prioridade: o lar como o epicentro da vida e das experiências e um reforço do respeito pela autoridade, por quem sabe sobre os assuntos, sejam governantes, peritos, cientistas, etc.

António Câmara leu o estudo e concorda com alguns dos cenários referidos. "O regresso às multidões será dificílimo de acontecer", acredita o professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. A tendência será para coexistirem duas situações. Por um lado, "as pessoas vão refugiar--se em casa enquanto fortaleza" e, por outro, "quando saírem à rua, vão procurar espaços ao ar livre, onde consigam ter distanciamento social, como parques ou jardins". Isso mudará as cidades. No fundo, a crise sanitária está a sobrepor-se a outra - a das alterações climáticas, que já estava a ditar mudanças significativas, refere. "Uma das mudanças mais importantes tem que ver com a mobilidade. Com o teletrabalho, as pessoas não se vão deslocar, pura e simplesmente."

A procura pela segurança a todo o custo é uma mudança de comportamento que vai gerar saltos tecnológicos significativos. "As pessoas vão querer etiquetas que lhes deem a sensação de segurança sobre todos os produtos que consomem ou tocam. Ou, se possível, que não tocam. Os 'interfaces' por gestos e a interação remota vão estar presentes como nunca estiveram", prevê. Aponta como exemplo o facto de já existirem empresas a criar sensores para detetar agentes patogénicos nos espaços fechados.

Será que esta nova geração será mais "fechada"? O sociólogo Vítor Sérgio Ferreira afirma que os mais jovens são muitas vezes considerados "narcísicos, individualistas". Mas "o que temos visto, e que se pode intensificar, "são formas colaborativas de viver", tanto na habitação, como no trabalho. O movimento coo-



Data:

Titulo: Está a nascer uma nova geração. São os "coronnials"

tros não. w





Tipo: Jornal Nacional Diário

15.05.2020



Secção: Nacional Pág: 1;2;8;9;10;11

perativo voltou a ter vida e não está necessariamente conotado politicamente. "Não falo de cooperativas no sentido comunista do termo, mas sim comunitário, de apoio intrageracional e intergeracional", explica. Assim, "a ideia estereotipada de uma geração muito narcísica e individualista tem de ser desmistificada". Corresponderá à verdade em determinados segmentos. Nou-